

# Vozes da Vila: espaços e representações no entorno da universidade

## Vila Voices: representations and spaces in the vicinity of the university

**Denise da Costa Oliveira Siqueira**

Professora do programa de pós-graduação da FCS/UERJ. Doutora em Comunicação (ECA/USP); pós-doutorada em Sociologia (Université Paris-Descartes).

**Luiza Real de Andrade Amaral**

Mestre em Comunicação (FCS/UERJ); graduada em Comunicação (FCS/UERJ).

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo estudar usos e representações de um trecho dos bairros de Vila Isabel e Maracanã situado em frente à Universidade do Estado do Rio de Janeiro e frequentado por alunos, funcionários e docentes da UERJ. Para tal, foi realizado um trabalho de campo no trecho em questão, com caminhadas, observação participante e conversas com moradores e estudantes da universidade. Esse olhar sobre um microespaço urbano foi fundamentado com a leitura e estudo de Canevacci e Simmel e levou ao entendimento de que a cidade, seus microespaços e ruas são inventados, simbolicamente construídos.

**Palavras-chave:** comunicação; cidade; representações; Vila Isabel.

### **Abstract**

*This work aims to study the uses and representations of a portion of the districts of Vila Isabel and Maracanã situated opposite to the State University of Rio de Janeiro and attended by students, teachers and employes at UERJ. To do so, it was done a field research in this space with walkings, participant observation and dialogues with residents and university students. This perspective about a urban microspace was based on the study of Canevacci's and Simmel's texts and brought us to the understanding that the city, its microspaces and streets are created, symbolically constructed.*

**Keywords:** communication; city; representations; Vila Isabel.

## INTRODUÇÃO

*A tradução da mensagem urbana é sempre uma traição.*

*(Canevacci, 1993, p.37).*

Cidades históricas, políticas, econômicas e artísticas como o Rio de Janeiro constituem-se de várias vozes, vários tempos e culturas que convivem no mesmo espaço geográfico-urbano planejado pelo poder público ou ocupado sem seu aval. Na cidade, em suas regiões administrativas e em seus bairros coexistem visões de mundo, recordações. Estudar essas micro-cidades dentro da metrópole é uma forma de buscar entender a própria cidade e suas relações sociais contemporâneas.

Partindo desse entendimento, este artigo tem como objetivo estudar um microespaço urbano, um trecho dos bairros cariocas de Vila Isabel e do Maracanã vizinho à Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Focando os usos do espaço e as relações de sociabilidade ali construídos, nos perguntamos: como esse microespaço é conhecido e representado por moradores e pelo público da universidade que o frequenta? O texto busca refletir sobre como se dão as relações de comunicação e a transformação dos usos do espaço nos dias úteis, dias de descanso e dias de jogo de futebol nesse quarteirão em frente à universidade e próximo ao estádio do Maracanã.

O microespaço estudado, no início do bairro de Vila Isabel, na fronteira com o bairro do Maracanã, vem sendo “tomado” há cerca de 40 anos pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e seu Hospital Universitário Pedro Ernesto. De frente para a UERJ e para o HUPE, tal quarteirão, conhecido pelos estudantes universitários como “pentágono do chopp”, tem vida social movida por seus moradores, por passantes, mas também por um comércio que atende em grande parte à população universitária e acadêmico-hospitalar e, nos dias de jogos de futebol, aos frequentadores do estádio do Maracanã. No âmbito do espaço urbano cada um desses grupos sociais e suas distintas vozes que se cruzam apontam as necessidades de moradores e frequentadores assíduos, crianças, idosos, pessoas com deficiência, de trabalhadores e de quem vem de outras cidades ou países, mas também de quem busca lazer e comodidade na cidade. Esse ponto de vista foi usado para se fazer uma breve reflexão sobre esse trecho da cidade.

Em termos metodológicos, realizou-se trabalho de observação participante do trecho estudado (e também frequentado), com caminhadas ao longo das ruas e contato com comerciantes, moradores, frequentadores e com um músico que realiza atividades na área. A observação foi feita sobretudo à luz das leituras de Simmel, Certeau e Canevacci – autores de pontos de vista e épocas distintos que têm em comum um olhar para cidade que não se atém ao planejamento urbano, mas antes leva em conta os atores sociais em suas relações com o espaço urbano, suas múltiplas vozes e as mudanças que promovem nos usos de trechos da cidade.

## VOZES E ENCONTROS NA CIDADE

A cidade é um arranjo de interações entre os mais diferentes indivíduos. Aglomerado onde é difícil não entrar em contato com o outro – seja pela proximidade das construções, seja pela complexidade, diversidade e interdependência das atividades econômicas. Os sujeitos dependem dos outros no espaço urbano. Assim, a cidade “é um momento, um ponto de conexão ou convergência de trajetórias, um ponto de atração onde os circuitos se reúnem momentaneamente e ela se produz precisamente por aí” (CAIAFA, 2007, p. 17).

Para se tornar essa “convergência de trajetórias”, a cidade tem de ser, antes de tudo, palco de movimentações. O movimento de atração de desconhecidos (ou *outsiders*, segundo Caiafa) e a circulação de seus habitantes fazem da cidade um pólo de fluxos “que vêm de fora e vão criar um nomadismo propriamente urbano, constituir a cidade como lugar de circulação e dispersão” (Ibid., p.118). É neste território de circulações e dispersões que os trajetos de diversos sujeitos se entrelaçam, fazendo com que entrem em contato com o diferente e o imprevisível. Estes encontros são, na verdade, formas de produção de sentidos, que levam ao desenvolvimento da vida social urbana.

O olhar sobre a cidade, contudo, vai depender de quem olha. Grupos sociais diferentes controem diferentes representações sobre o espaço urbano e seus usos. Como explica Canevacci,

A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisos cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra. Estou convencido de que, por meio da multiplicação de enfoques - os “olhares” ou “vozes” - relacionados com o mesmo tema, seja possível se avizinhar mais a representações do objeto da pesquisa, que é, neste caso, a própria cidade. (Canevacci, 1993, p.18).

Nesse sentido de “olhares” ou “vozes”, de diferentes perspectivas, um bairro ou um quarteirão pode ser local de residência, de trabalho ou de realização de serviços. No caso do trecho fronteiro estudado entre Vila Isabel e Maracanã, observa-se que, com o passar das décadas – o campus UERJ/Maracanã data dos anos 70 - vários funcionários e professores da universidade têm se mudado para a região enquanto alunos montam “repúblicas” dividindo casas de vila ou apartamentos nas proximidades, transformando a área próxima à universidade em espaço de moradia para pessoas ligadas à instituição – uma quase “extensão”. Contudo, os dois bairros, Vila Isabel e Maracanã, também abrigam outros tipos de trabalhadores; são locais onde se busca transporte coletivo – táxi, ônibus, trem ou metrô – para chegar e sair da UERJ ou do HUPE ou, ainda, locais onde se almoça com colegas de trabalho ou aonde se vai em busca de serviços (médicos ou comerciais).

Assim, por ali transitam olhares de moradores com ou sem vínculo com a universidade (alunos, professores e funcionários), comerciantes, passantes, pedintes, moradores de rua. Seu encontro colabora para a construção daquilo que Canevacci chama de “cidade polifônica”, o que significaria que:

a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam; e também designa uma determinada escolha metodológica de “dar voz a muitas vozes”, experimentando assim um enfoque polifônico com o qual se pode representar o mesmo objeto - justamente a comunicação urbana. A polifonia está no objeto e no método. (Ibid. p.18).

As múltiplas vozes para as quais Canevacci chama a atenção se tornam mais complexas quando se cruzam em encontros com outras vozes distintas em processos de comunicação. Tais encontros que ocorrem na cidade são o ponto de partida para os estudos de Félix Guattari sobre subjetividade e singularização. Para o autor, os encontros podem trazer à tona os modos de se resistir a processos de produção em série de uma subjetividade que seria “essencialmente fabricada, modelada, recebida, consumida” (1999, p. 25), para além do resultado de uma produção em massa. A subjetividade definiria a forma como observamos o mundo e como organizamos o nosso modo de vida.

Mesmo com a força exercida pelo sistema econômico capitalista, Guattari afirma que há duas formas de o indivíduo lidar com a subjetividade, que variam de:

40

(...) uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal como a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade, produzindo um processo que eu chamaria de singularização. (Guattari, 1999, p. 33).

A arte seria uma das esferas nas quais tais processos de singularização, de criatividade e de escape se dariam. Embora Vila Isabel não seja espaço especialmente reconhecido de manifestações artísticas contemporâneas e manifestações de arte urbana, o bairro ainda é relacionado com a música popular, especialmente o samba. No início do século XX, a região foi conhecida como espaço de boemia e de residência de compositores como Noel Rosa e Almirante. Hoje, as calçadas de sua via principal reproduzem pautas musicais em pedras portuguesas – reforçando a representação do bairro como espaço para a música. Tal representação é explorada para a realização de shows de pequeno porte e apresentações musicais, fazendo parte do imaginário dos que frequentam a região.

Em uma fala que recorre à representação do bairro como espaço de “música”, o diretor de um bloco carnavalesco que produz bailes na área diz que a realização de eventos artísticos é uma forma de revitalizar a região, de estabelecer novos contatos sociais, novas formas de sociabilidade. Na avaliação do músico,

a região poderia ter mais eventos, uma participação maior da prefeitura, com eventos, festas e mais movimentos musicais. Com isso, haveria novamente uma interação entre os moradores do bairro, os estudantes da UERJ e dos que gostam de frequentar Vila Isabel e que reconhecem na área um dos berços da boemia carioca (relato oral).

Essa fala aponta para grupos sociais que participam do cotidiano desta região de Vila Isabel e que poderiam ser tirados do padrão de comportamentos subjetivos e não-criativos como caminhar para casa e usar um transporte coletivo por meio do contato com manifestações artísticas. Desse ponto de vista, a apresentação musical promoveria outros encontros (novas relações de sociabilidade) e outras formas de se pensar e usar aquele mesmo espaço/ambiente.

#### VILA ISABEL: MÚSICA, UNIVERSIDADE E VIOLÊNCIA

Vila Isabel foi o primeiro bairro planejado do Rio de Janeiro, no século XIX, final do período imperial. Seu projeto foi concebido e realizado pela Companhia Arquitetônica Vila Isabel e o nome do bairro homenageia a princesa que assinou a lei da abolição da escravatura no país.

No centro do bairro situa-se o Boulevard 28 de setembro. A avenida foi uma das primeiras na cidade a ser construída à moda parisiense: duas vias largas com um canteiro central. Atualmente, o Boulevard 28 de setembro (a data homenageia o dia do *Ventre Livre*) é o centro comercial de Vila Isabel. Nele é possível encontrar restaurantes, bares, padarias, papelarias, igrejas, consultórios médicos, escolas, cursos de idiomas, academias de ginástica e dança, lojas, galerias e a quadra da escola de samba que leva o nome do bairro.

Conhecida pela boemia, pelas calçadas com notas musicais e pelas vilas residenciais, Vila Isabel passou por um processo de desvalorização imobiliária, assim como por uma decadência econômica e social na segunda metade do século XX. Nas décadas de 70 e, principalmente, de 80, vilas foram demolidas para dar lugar a prédios. Nenhuma nova vila foi construída.

Mesmo com as demolições, diversas vilas residenciais foram preservadas no bairro, entre elas antigas vilas operárias próximas à antiga fábrica de tecidos Confiança (sobre a qual Noel Rosa se referiu na canção *Três apitos* e que, a partir de meados dos anos 80, vem sendo reutilizada como hipermercado). Com pequenas ruas fechadas e casas iguais dos dois lados, em tais vilas não há circulação de carros e persiste um forte sentimento de pertencimento ao espaço comum. Em outra ponta, a substituição de casas de vila por prédios de apartamentos gerou um aumento da quantidade de moradores e de carros – muitos novos moradores chegaram.

Paralelamente, ainda nos anos 80, houve a expansão de favelas (no Morro dos Macacos), a expansão do tráfico de drogas nelas e com ele, o aumento da violência na região. Assaltos, roubos de carros e tiroteios passaram a ocorrer no bairro nas décadas de 1990 e 2000. Em áreas como a do antigo Jardim Zoológico, prédios tiveram suas fachadas perfuradas por balas perdidas. A violência foi um dos motivos que levou moradores a se mudar. O Estado, por sua vez, instalou uma nova delegacia de polícia no bairro, próximo ao quarteirão estudado e à Universidade. Em outubro de

2009, a violência do Morro dos Macacos teve destaque midiático nacional e internacional quando um helicóptero da polícia militar atingido por tiros foi derrubado, matando um policial.<sup>1</sup>

O receio das consequências da violência faz parte do cotidiano do bairro, e faz paralelo com a situação de tensão, de nervosismo que Simmel (2007) apontava como característica das metrópoles. Nesse sentido, o outro, desconhecido, se torna um “estrangeiro”, possivelmente uma ameaça que poderia gerar a “secreta aversão, uma distância e uma rejeição recíprocas” às quais se referiu Simmel (2007, p.23). Esse receio fica claro nas palavras de um estudante, morador do trecho estudado, em prédio de frente para a universidade que resume um pensamento sobre o bairro dizendo que “o único problema de Vila Isabel, na minha opinião, é o Morro dos Macacos. Acho que se a favela sofresse uma intervenção séria do poder público, a violência diminuiria consideravelmente. O bairro é excelente em serviços e tranquilo de morar” (relato oral).

Em 2010, o Morro dos Macacos passou a dispor de uma Unidade Policial de Pacificação, UPP. Como vem acontecendo em vários pontos da cidade, o bairro viu cair os índices de violência e subir o preço de imóveis e aluguéis. O comércio também se renovou.

## 42

### UMA CARTOGRAFIA DO QUARTEIRÃO

O trecho formado pelos encontros das ruas São Francisco Xavier, Felipe Camarão, Boulevard 28 de Setembro, Jorge Rudge e Mará é, em parte, residencial e, em parte, comercial. Nele estão situadas várias vilas. A maior delas vai da Rua São Francisco Xavier até a Rua Jorge Rudge, cortando o quarteirão. Até o início dos anos 80 era uma “avenida”, pequena rua aberta nas duas extremidades para passagem de pedestres. Com as questões relativas à segurança na cidade, a “avenida” foi gradeada nas duas entradas e hoje, apenas os moradores podem atravessá-la.

Em 1994, durante um primeiro trabalho de campo no bairro, observou-se que havia nesse quarteirão, além de prédios e casas residenciais, uma padaria, um sapateiro, duas quitandas, quatro bares, uma igreja católica, uma loja de tintas, duas papelarias (uma bem antiga e outra mais recente), duas bancas de jornal, uma banca de livros usados, três pequenos restaurantes (sendo dois deles em frente ao Hospital Pedro Ernesto, para atender principalmente a médicos e funcionários). Havia também uma farmácia e uma academia de ginástica. Na Rua São Francisco Xavier havia uma Lotérica e uma loja (mal disfarçada) de Jogo do Bicho. É interessante observar que até o final dos anos 80, boa parte do comércio da 28 de Setembro e da Jorge Rudge pertencia a imigrantes portugueses.

Em julho de 2009, observou-se que as antigas quitandas “portuguesas” foram substituídas por outro tipo de comércio de alimentação: os restaurantes “a quilo” ou de “prato feito”. Várias mudanças também aconteceram com o

restante do comércio. Agora há na Rua São Francisco Xavier um curso técnico de enfermagem, duas papelarias, prédios e casas residenciais, uma lotérica, uma loja em reforma (que mais tarde se transformaria em um café), duas outras lojas fechadas, uma loja de colchões, o bar Loreninha, duas lanchonetes, um boteco, uma pastelaria, a pensão Jaleco (também conhecida como Bar da Cris e que nos anos 80 situava-se em outra casa, no Boulevard 28 de Setembro), vilas residenciais. Na Rua Felipe Camarão, há uma casa para realização de eventos festivos, os restaurantes Rio 40° e Planeta do Chopp, uma igreja católica (em reforma para ampliação) e uma banca de jornal.

Uma das casas que dá de frente para a universidade (que já foi uma churrascaria) - quase na mesma altura do ponto de ônibus de sentido Zona Sul - tem aparência de abandono, mas parece ser um depósito de material de comércio informal (depósito de mercadorias de camelôs). À noite, eventualmente podem ser vistos caminhões desembarcando material no imóvel. Essa casa não é a mesma que nos anos 90 funcionava para o “Bicho” – aquela se tornou um “boteco”.

Entre a Rua São Francisco Xavier e o Boulevard 28 de setembro e de frente para a Rua Felipe Camarão, localiza-se a Praça Maracanã. A pequena praça, entre dois bairros, possui uma antiga usina elevatória da Cedae (ainda em funcionamento), um posto da Guarda Municipal, alguns bancos e mesas de jogos de tabuleiros e quiosques de livros. Ocasionalmente, é realizada uma feira de artesanato no local. À noite, a praça é tomada por mesas e cadeiras de plástico do restaurante Planeta do Chopp que, durante os fins de semana, promove apresentações musicais ou monta telões para exibições de jogos de futebol considerados importantes.

No Boulevard 28 de setembro estão presentes uma livraria, uma agência da Caixa Econômica Federal, prédios comerciais, uma loja de utensílios domésticos e roupa de cama, uma loja de sucos, uma agência do banco de empréstimos BMG, uma academia, uma farmácia, um bar, um restaurante (Cantinho dos Médicos) e lanchonetes.

A Rua Jorge Rudge, conhecida por sua ornamentação em época de Copa do Mundo de futebol, possui uma casa fechada, uma pensão (“comida caseira”), edifícios residenciais, dois salões de beleza, uma loja de doces, uma academia, uma casa em obras, uma padaria e bares.

Já a Rua Marã é estritamente residencial. Trata-se de uma pequena rua de mão única na qual só passa um carro por vez que apresenta casas e alguns prédios antigos de dois andares. A exceção fica por conta de um Centro Espírita Oriental, localizado em uma das casas.

Um aspecto importante sobre o quarteirão estudado é a ausência de espaços vazios, terrenos baldios ou casas sendo demolidas. É um trecho totalmente construído. Todo espaço é aproveitado, constituindo um local urbanizado. Para que qualquer nova construção seja feita, alguma parte atual terá que ser demolida.

A descrição do trecho mostra que comércio da região é voltado para os frequentadores da universidade e do hospital e que o setor que prevalece é o de alimentação pronta. A oferta de lugares para refeições e lanches aumentou expressivamente em comparação com quinze anos antes.

Se o comércio atende aos moradores e trabalhadores da região (em especial aos funcionários da UERJ e do HUPE), observa-se que em 1994 havia poucas opções de lazer no quarteirão. À noite, não havendo locais para o encontro além da igreja e suas festas eventuais (Festa Junina e Festa do Divino Espírito Santo, em dois finais de semana do ano), a vida “social” (encontros festivos) e “cultural” (artes e espetáculos) se desenvolvia em outros bairros ou em espaços fechados, nas residências particulares e nas reuniões nos salões de festas dos prédios.

Em 2009, a situação quase não mudou em termos de opções de lazer. O quarteirão inicial do bairro de Vila Isabel oferece agora como opção para encontro mais bares e restaurantes. O estudante da universidade e morador resume a oferta de lazer no bairro: “como opções de lazer, temos o Iguatemi (cinema, comida e boas lojas), o Petisco da Vila e o Planeta do Chopp” (relato oral). Tais opções são restritas e como se pode refletir, implicam pagamento, estão ligadas ao consumo e duas delas não ficam no trecho selecionado, mas em outras partes do bairro.

Esporadicamente há eventos na Praça Maracanã, de frente para o trecho da Rua Felipe Camarão, ao lado do restaurante Planeta do Chopp: encontros de blocos carnavalescos, exibição de jogos em telões ou pequenos *shows* oferecidos pelo restaurante. Em julho de 2009, por exemplo, a praça foi palco de apresentações semanais de samba, às sexta-feiras, a partir de 18h.

Tais opções não são consideradas o bastante para o desenvolvimento de uma vida artística no bairro segundo os moradores. Ex-aluna da universidade, uma profissional de comunicação que reside nas proximidades da universidade desde 2005, critica:

Não existem opções de lazer aqui. Para lazer somente os cinemas nos shoppings ou as quadras de escola de samba. O movimento da região é baseado nos alunos da UERJ e nos jogos no Maracanã. Nos fins de semana e feriados o movimento diminui muito (relato oral).

A queixa é reforçada pelo músico, estudante da universidade e morador da região desde criança:

Pois é, tirando os bares, há poucas opções de lazer. Tem o Maracanã, que é uma paixão do carioca e fica aqui pertinho. Mas não tem tanta música, ou opções de arte. (...) Hoje em dia vejo mais movimento de dia do que de noite. De dia há uma circulação de gente da faculdade, do hospital e do comércio local. E o pico é na hora do almoço. A noite está meio vazia, sem atrativos. E nos fins de semana a região fica bem vazia. No carnaval também não há movimento. Tudo se concentra no Centro e na Zona Sul. (relato oral).

A proximidade com o Maracanã, considerada um dos pontos positivos pelo músico, é também, muitas vezes, alvo de críticas de outros moradores da região. Em dias de jogos importantes, como “clássicos” cariocas ou finais de campeonatos, parte do espaço urbano deixa de ser dos moradores e se torna estacionamento<sup>2</sup>.

O Estado se mostra presente no local com tomadas de decisão nem sempre bem acatadas pelos moradores e frequentadores. Com a operação “Choque de Ordem”, do prefeito Eduardo Paes, a partir de janeiro de 2009 ficou proibida a venda de bebida alcoólica dentro e no entorno do estádio do Maracanã duas horas antes até duas horas após cada jogo. O objetivo seria adaptar a cidade a regras internacionais visando à Copa do Mundo de 2014 e a Olimpíada de 2016<sup>3</sup>. Tal iniciativa, por hora, não parece agradar aos moradores consultados. Com a proibição, a aglomeração de pessoas, os engarrafamentos e, também, os registros de badernas entre torcidas rivais que antes costumavam acontecer dentro do estádio e nas ruas imediatamente próximas, se transferiram para os bairros do entorno, incluindo o trecho entre o hospital e a universidade<sup>4</sup>.

Tumultos por conta dos jogos de futebol acontecem há décadas na região no relato dos moradores. Alunos, professores e funcionários da universidade com atividades no turno da noite precisam se adaptar aos horários de saídas dos jogos. Em uma dessas ocasiões, em agosto de 2009, professores e alunos precisaram encerrar suas atividades na universidade devido ao barulho externo. Na data, seria realizado um jogo importante para o Fluminense. Fogos de artifícios, gritaria e buzinas eram alguns dos recursos utilizados pela torcida tricolor horas antes do jogo. Ao sair da universidade, era quase impossível transitar pela calçada da Rua São Francisco Xavier: todos os bares e restaurantes estavam lotados e ainda colocavam mesas e cadeiras ao longo da calçada para acomodar mais gente. Além disso, utilizar o transporte público também se tornou uma difícil tarefa: com a confusão de torcedores na rua e o engarrafamento, muitos ônibus não paravam nos pontos. Esta é a rotina da região em dias de jogo no Maracanã.

Apesar do tumulto nos dias de jogos, o ritmo das ruas Jorge Rudge e Marã é mais lento do que o das outras três que compõem o trecho em estudo – trata-se de ruas internas, transversais às vias principais, com menos bares (e de menor porte) e, conseqüentemente, menos torcedores que acompanham as partidas no espaço público.

Nessas ruas, como no restante do quarteirão, a arquitetura é eclética, nada é muito recente. Há, de modo geral, um certo padrão entre as residências do trecho. Não há nenhuma casa muito maior que as outras, nem há casas miseráveis. Também não há prédios muito antigos e nem de luxo. Pode-se dizer que se trata de um trecho habitado e frequentado pela classe média. As diferenças são mais nítidas no interior dos espaços do que em suas fachadas.

Utilizando a conceituação de Kevin Lynch, este é um trecho que tem legibilidade, em que as construções parecem ter o uso que realmente têm

O que poderíamos chamar de “imaginabilidade”, esta qualidade que confere a um objeto físico um forte poder de evocar uma imagem viva em qualquer observador, pode também ser chamado de legibilidade ou, talvez, de visibilidade, em seu sentido forte. (Lynch apud Choay, 1979, p.312).

A legibilidade deixa claro que não há praticamente espaços programados para o encontro – somente os bancos da praça ocupariam essa função. As ruas, suas calçadas, seriam o outro espaço público para encontro, embora nesse caso, uma outra forma de interação, os encontros breves, se desenrole. Assim, o trecho estudado tem como marca a passagem, mais do que o encontro; o passar, mais do que o ficar. Nesse sentido, observa-se que apesar de existir uma praça no local, os encontros demorados entre os transeuntes são poucos, uma vez que a praça, pequena, pouco arborizada (com pouca oferta de sombra), é circundada por tráfego intenso, tornando-se lugar de poluição sonora e do ar, espaço pouco agradável para a conversação.

46

Ao longo dos meses de observação, poucas foram as vezes que encontramos pessoas usando a praça como espaço de reunião - exceto durante as noites em que há espetáculos. As presenças mais comuns são de casais de namorados, estudantes trocando anotações; idosos que saem para passear com cães e depois conversam na praça; homens “aposentados” que se encontram geralmente em torno da hora do almoço para jogar nos tabuleiros de concreto. Afora essas presenças, é comum passar e ver todos os bancos vazios. À noite, no entanto, outro tipo de interação surge: a praça torna-se “abrigo” de moradores de rua – exceto nos dias de shows. Por mais de uma vez, foi possível presenciar brigas entre estes moradores. Em uma delas, as agressões físicas foram realizadas por meio de pedradas.

Como confirma uma moradora, ex-aluna da universidade, “O movimento da região é baseado nos alunos da Uerj e dos jogos no Maracanã. Nos fins de semana e feriados o movimento diminui muito. Por isso, eu aumentaria a segurança e acrescentaria opções culturais” (relato oral).

A exceção são as grandes festas, como a da Copa do Mundo de Futebol. Nesse período a Rua Jorge Rudge é fechada para que se assistam aos jogos do Brasil, em conjunto, na rua. Quem não quiser participar também não tem opção: música alta e algazarra se estendem noite a dentro. Quem quiser dormir também não pode. Essa é uma manifestação no espaço público que interfere no espaço privado: como não há um local próprio para reuniões públicas, elas acontecem em espaços não apropriados incomodando moradores das residências ao longo da rua.

No restante do ano o quadro é diferente. As atividades artísticas da região realizadas em dias comuns não recebem atenção da mídia e, muitas vezes, não atraem público, o que torna ainda mais difícil a sua realização. Como pode ser observado na declaração do músico entrevistado: “a gente (o bloco “Eu, você... E sua mãe também”) sempre tentou fazer algo, mas não tem mídia ou divulgação” (relato oral).

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um espaço urbano se torna lugar de acordo com seus usos. Diferentes horários e dias da semana, em certos espaços, vão ganhar distintos frequentadores e usos. Como escreveu Certeau, o espaço está relacionado ao percurso, a ações espacializantes. “Em suma, o espaço é o lugar praticado. Assim a rua geometricamente definida por um urbanista é transformada em espaço pelos pedestres” (Certeau, 1994, p. 201).

Nessa perspectiva, o que para uns é o “pentágono do chopp”, para outros é local de residência, lugar de passagem, espaço para prestação de serviços. A presença da Universidade do Estado do Rio de Janeiro na confluência dos bairros de Vila Isabel e Maracanã, muda o caráter, os usos e públicos da região. A presença do estádio do Maracanã, com os jogos de futebol, também altera os usos desse espaço urbano.

Assim, como se dá a transformação dos usos do espaço nos dias úteis, dias de descanso e dias de jogo de futebol nesse quarteirão em frente à universidade, nos bairros de Vila Isabel/Maracanã? Conhecido midiaticamente por suas representações ligadas ao samba e, posteriormente, à violência urbana, Vila Isabel é um bairro que passou por intensas mudanças ao longo do século XX. Essas mudanças se expressam tanto na arquitetura e no planejamento do bairro quanto nos usos que são dados a seus espaços e em suas possibilidades comunicativas. As transformações dos usos do espaço nos diferentes dias e horários tem a ver com todas essas mudanças.

A presença da universidade e de seus públicos no Maracanã, no limite com o bairro de Vila Isabel, parece se tornar cada vez mais forte. Enquanto o campus se situa na Rua São Francisco Xavier, estudantes, professores, funcionários se espalham pelas ruas próximas para fazer suas refeições, para usar serviços (bancos, consultórios médicos, comércio) ou para morar. Assumem, assim, mais de um papel: estudantes/profissionais da UERJ e moradores do bairro, por exemplo.

O trecho fronteira Vila Isabel-Maracanã, mostra-se, dessa perspectiva, como um espaço híbrido: espaço residencial, comercial, de passagem. Atende a pessoas que vêm de outras partes da cidade, mas também aos que residem no entorno da universidade. Concentra um comércio voltado para a

alimentação de quem durante o dia faz refeições na rua: público da universidade, funcionários, médicos e pacientes do hospital.

Pode-se concluir, então, que a cidade afeta as pessoas, assim como as pessoas afetam e transformam a cidade. Um certo estado de nervosismo, de tensão, de stress é inerente à vida no espaço urbano, no aglomerado, na multidão desconhecida. Ao mesmo tempo, é somente nesse carrefour que também se tornam possíveis os mais diversificados encontros, as mais variadas visões de mundo. A cidade, como a rua, é inventada, é simbolicamente construída.

**NOTAS**

**1** O episódio teve repercussão como pode ser observado no trecho da versão online do jornal NY Daily News: “Drug dealers shot down a police helicopter, set fire to five buses and torched a school in Rio de Janeiro in a swarm of violence Saturday that left two cops dead and four injured, officials said.[...] The gun battle was sparked by a police operation aimed at clamping down on the drug traffickers who operate in the Morro dos Macacos slum”. (NYDAILYNEWS.com, 17/10/2009).

**2** Conforme descreve uma reportagem: “A cena chamava atenção de quem passava pelo Boulevard Vinte e Oito de Setembro no último domingo: logo após o Hospital Universitário Pedro Ernesto, flanelinhas indicavam um local para estacionar. Era o pátio de Colégio Estadual João Alfredo e dependências de unidades da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Orientados por três homens, que cobravam R\$ 10 pela vaga, cerca de 50 motoristas deixaram seus carros no local e foram ao estádio Jornalista Mário Filho, o Maracanã, assistir ao jogo entre Flamengo e Botafogo. (O Globo on-line, 06/05/2009).

**3** O secretário municipal de ordem pública, Rodrigo Bethlem já havia declarado que “Nós temos que começar desde já a nos adaptarmos a esse tipo de regra para demonstração clara para o mundo que o Rio de Janeiro é capaz sim de ter regras, de seguir regras internacionais, de sediar eventos como uma Copa do Mundo e a Olimpíada de 2016 que nós somos fortes candidatos a sediá-la. (O Globo on-line, 26/01/2009).

**4** Com o fechamento do estádio para as obras da Copa do Mundo de Futebol (em 2014), esse deixou de ser momentaneamente um problema, pelo menos até a sua reinauguração.

49

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CAIAFA, Janice. *Aventura das cidades*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes do fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

GUATTARI, Felix. *Micropolítica: cartografia do desejo*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CHOAY, Françoise. *O urbanismo: utopias e realidades*. Uma antologia. São Paulo: Perspectiva, 1979. p.307-319.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, J. E TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996. p. 12-53.

NY Daily News [jornal] – Disponível em: <[http://www.nydailynews.com/news/world/2009/10/17/2009-10-17\\_brazilian\\_drug\\_gangs\\_shoot\\_down\\_.html](http://www.nydailynews.com/news/world/2009/10/17/2009-10-17_brazilian_drug_gangs_shoot_down_.html)>. 17/10/2009. Acesso em 18/10/2009.

O Globo on-line [jornal] - Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL972488-5606,00-FLANELINHA+E+DETIDO+AO+TENTA>>

R+ARRUMAR+VAGA+PARA+SECRETARIO+DE+ORDEM+PUBLICA.html> . 26/01/2009. Acesso em 27/01/2009.

O GLOBO ON-LINE: Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/posts/2009/05/06/uerj-flanelinhas-loteiam-patio-em-vila-isabel-183202.asp>> . 06/05/2009. Acesso em 10/05/2009.

Prefeitura do Rio de Janeiro [órgão municipal]. Disponível em: <[http://www.rio.rj.gov.br/ipp/Documentos/ata\\_25jun08.pdf](http://www.rio.rj.gov.br/ipp/Documentos/ata_25jun08.pdf)>

SIMMEL, Georg. *A metrópole e vida mental*. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. 2.ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.

#### **RELATOS ORAIS CITADOS:**

- Estudante da UERJ, músico, morador desde criança;
- Estudante de pós-graduação da UERJ, morador desde estudante;
- Ex-estudante da UERJ, moradora desde estudante.